

PONDERAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A DE GEOGRAFIA A PARTIR DE UMA LEITURA CRÍTICA DO PPC DE GEOGRAFIA DA UPE, CAMPUS MATA NORTE

Severino Tiago da Silva ¹
Fabiano Custódio de Oliveira ²
Mayra Gomes Alves³

RESUMO

O presente artigo é fruto das discussões interpostas por ocasião das aulas do componente de Formação do Docente em Geografia, componente curricular ministrado pela professora Marizângela Pinto, no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional – PROFGEO – com a Universidade de Brasília - UNB. Consiste numa proposta de construção de um texto crítico acerca dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de Licenciatura em Geografia, das suas matrizes curriculares e das professoralidades que dali são formadas. A graduação escolhida foi a Licenciatura Plena em Geografia do campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco – CNM/UPE. Aqui, investigamos o Projeto Pedagógico (PPC) daquele curso ao passo que tecemos críticas pertinentes com base numa análise documental, especialmente das matrizes curriculares ali dispostas, e numa breve revisão de literatura em textos como os que sustentam Kaercher (2007), Mendonça (2013), Saviani (2009), Rosa (2006) entre outros. Dessa atividade foi possível inferir que a cultura bacharelesca tem tomado conta dos currículos formadores de nossas docências que, por sua vez, têm sido colocadas em segundo plano, pelo que, dessa constatação podemos apontar que àquelas licenciaturas precisam se voltar profundamente para a formação de uma professoralidade comprometida didaticamente com o ensino e pedagogicamente centrada no/a educando/a, bem como, destacamos o papel e a potência das faculdades de educação na construção de uma geografia escolar cada vez mais conectada com a realidade e as necessidades da educação atual no mundo globalizado.

Palavras-chave: Formação docente, Licenciaturas, professor/a de geografia, PPC, UPE.

INTRODUÇÃO

A formação do/a professor/a de geografia foi o tema sobre o qual nos debruçamos na primavera de 2023. Há tempos não parávamos para pensar na nossa formação. Acreditávamos que estávamos formados, prontos e acabados, que bastávamos ler jornais, revistas e vermos algumas séries que estava garantida a complementação, a tão falada capacitação, ou a

¹ Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede – PROFGEO – da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Especialista em Fundamentos da educação e práticas pedagógicas interdisciplinares - UEPB. Licenciando em Geografia – UPE. Professor de Geografia – Redes públicas municipal e estadual em João Pessoa – PB. severino.tiago@estudante.ufcg.edu.br;

² Professor Doutor do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação no Campo – CDSA/UFCA. Coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia de Educação no Campo – LECAMPO. Professor do Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia – PROFSOCIO/UFCA/CDSA e Mestrado em Ensino de Geografia – PROFGEO/UFCA. fabiano.geografia@gmail.com – fabiano.custodio@professor.ufcg.edu.br;

³ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede – PROFGEO da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, mayra.alves1@professor.pb.gov.br;



atualização de uma geografia feita de notícias e de pouca análise crítica acerca dos fatos e dos fenômenos objetos de preocupação do/a professor/a de geografia.

Considerávamos que o conteúdo, o currículo e a lição do/a aluno/a deveriam ser feitos por nós, com um diploma, e que não competia aos alunos/as dizerem o que devíamos fazer, o que ensinar e como ensinar. A gente, de alguma maneira, tinha esquecido das lições de Paulo Freire, pelo qual nos *apaixonamos* na faculdade. Freire (2006) falava de uma pedagogia da autonomia e da importância do diálogo, da participação ativa do/a estudante em todo processo de ensino-aprendizagem e de uma humildade que devemos ter de saber que todos os saberes devem conversar e crescerem juntos, sem a necessidade de anulação ou de aculturação.

Essa a atividade profissional, o magistério público, em especial, não é fácil. Os governos fingem que pagam bem a gente e a gente finge que recebe, o que merecemos. Então a gente se entrega a receber gratificações que consomem o tempo de que precisamos para dedicar a nós mesmos enquanto profissionais e educadores/as que somos, então, ficamos sem ler, sem escrever, sem pesquisar e a nossa vaidade nos conforta nos embriagando com a ilusão de que basta se atualizar para saber dar aula de geografia, pois, como bem atestou Kaercher (2007) logo no resumo de sua obra, quando concluía que *“ainda impera uma geografia escolar que se baseia em informações de almanaque - uma revista de variedades”*.

Aqui pretendemos buscar respostas na nossa formação para a desesperança que o chão da escola pode nos acometer, buscamos saber até que ponto o nosso currículo nos profissionalizou como professores/as de geografia como nos instrumentalizou de práticas e metodologias para o exercício do nosso magistério e quanto pode ter colaborado para o nosso desânimo depois de uma década de ensino para além das condições de trabalho do professor/a de geografia na escola pública brasileira.

Procuramos responder algumas indagações que surgiram: de que se a geografia ensinada naquele curso pretende superar apenas a perspectiva tecnicista, se o currículo apresentado aponta uma proposta de construção de uma professoralidade comprometida com o exercício do magistério, se é possível idealizar uma geografia que avança para além de conceitos e categorias, se a matriz do curso articula a formação do/a professor/a de geografia as atividades de pesquisa e extensão, entre outras questões que nos surgiram durante nossas reflexões.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com análise documental ancorada numa revisão da literatura. Sendo assim, buscamos comparar a matriz curricular da graduação de nosso autor

principal nos idos de 2006 – 2010, na antiga Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata, unidade pertencente a Universidade de Pernambuco, hoje, a faculdade virou o campus Mata Norte da mesma universidade. Fazemos, portanto, uma analogia entre aquele currículo e o de dez anos depois, analisando criticamente o projeto político-pedagógico do curso de licenciatura plena em geografia desse mesmo campus.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Licenciatura em Geografia e o papel da universidade na formação dos/as professores/as

No debate em torno da questão do quanto de professoralidade a nossa formação acadêmica, da graduação, revestiu-nos, isto é, o quanto de magistério nossa formação foi impregnada. Ali, confessamos que por vezes somos pegos confundindo o academicismo, a geografia pura e crua, com a nossa professoralidade, quando na verdade, o papel do professor/a de geografia não é transmitir tão somente saberes academicizados desconsiderando todo o contexto envolto no processo de ensino-aprendizagem, como a *didateza* que precisa perfazer nossa docência, até por que, sem essa não há ensino, a não ser que admitamos que, como assim criticaram Isaia e Bolzan (2009), para ensinar basta apenas se apropriar dos conteúdos específicos da matéria. Para estes autores, para além de dominar os conteúdos de nossa matéria:

“(...) é necessário investir na dimensão pedagógica, construindo-a a partir de um processo reflexivo individual e grupal, pois sem o professor tomar consciência da prática educativa que desenvolve, não poderá transformá-la em direção a um aperfeiçoamento paulatino, visando à construção do processo formativo de seus alunos e de seu próprio. Isto porque a problemática da professoralidade passa por uma tríplice exigência. Não basta o professor trabalhar com os conhecimentos acadêmicos, mas é necessário que esteja engajado em gerar conhecimentos específicos, próprios a um especialista, ao mesmo tempo, levarem consideração as demandas do campo profissional para o qual forma e fundamentalmente não esquecer que sua função é de quem tem um compromisso formativo, construindo diuturnamente os saberes específicos de ser professor” (p.174).

Por sua vez, não significa que devemos renunciar àqueles conteúdos específicos, mas deve haver o devido equilíbrio entre o epistemizado e a didatização desses saberes, que é a proposta de Kaercher (2007), para quem, sem esse alinhamento é impossível fazer uma geografia escolar que faça mais que reportar fatos do cotidiano daqui e de alhures, onde o/a professor/a deixa de ensinar e passa a uma prática de geografia *fast food*.

A licenciatura plena em Geografia na antiga faculdade de formação de professores de Nazaré da Mata, na zona da mata norte de Pernambuco, desde 2011 é um campus com estrutura maior e com dedicação às licenciaturas, ou seja, estamos a falar de uma faculdade de educação,



cuja maior missão é formar professores/as para atuar no magistério da escola básica pública e privada. Essa dedicação não fica apenas no nome, a faculdade de Nazaré, como é conhecida até os dias de hoje, é responsável pela formação profissional de centenas e milhares de professores/as que atuam nas escolas da Zona da Mata pernambucana e até fora dessa região. É uma instituição que se fundamenta pela sua missão educativa, possuindo programas de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado voltados prioritariamente para as pesquisas na educação. Acerca do curso de geografia, a UPE oferece naquele campus anualmente 60 vagas, por meio do ENEM e de sistema próprio de avaliação, um vestibular seriado aos moldes tradicionais, produzido e confeccionado pela comissão de concursos daquela instituição. Sobre o perfil do curso é informado o seguinte pelo portal da universidade na internet:

“O educador, egresso dos cursos de Licenciatura em Geografia da Universidade de Pernambuco, deverá ser: Capaz de responder às condições dinâmicas para atuação na sociedade contemporânea, considerando a diversidade e a pluralidade cultural e tendo a docência e a pesquisa como base de sua formação, atuação e identidade profissionais; Comprometido com os resultados de sua atuação, pautando sua conduta profissional em critérios humanísticos, compromisso com a cidadania e rigor científico, bem como por referenciais éticos e legais; Consciente de sua responsabilidade nos vários contextos de atuação profissional; Apto a atuar de forma multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, adaptável à dinâmica do mercado de trabalho e às suas situações de mudança contínua; Habilitado a garantir uma educação formal contextualizada e problematizadora assegurando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Autonomia profissional” (disponível em: <https://upe.br/matanorte/licenciatura-em-geografia/>).

Assim, a formação esperada para o/a professor/a-educador/a deve ser baseada na docência e na pesquisa, e isso faz parte de sua identidade e de sua práxis, sem esquecer da autonomia profissional. Uma questão nos trouxe certa ressalva. Trata-se do perfil adaptável à dinâmica do mercado de trabalho que enumera a universidade como sendo necessário ao profissional da geografia escolar. Acreditamos que esta característica foi ali elencada com o propósito de apontar outra direção que não seja a de sujeição das nossas práticas as demandas do mercado de trabalho que é também mercado capitalista.

Por que trazemos essa ressalva logo de início? Porque temos visto que essa adaptação ao mercado de trabalho tem ocorrido de forma autoritária e verticalizada e tem trazido deformações à identidade profissional do/a educador/a de geografia. Evidentemente que nós, professores/as, não estamos com tempo qualificado para a formação, para atualização profissional, então, estamos sendo (de)formados no cotidiano de nossas docências, nos encontros e desencontros delas, nas experimentações diárias de nossos fazeres, no imprevisto de nossas ações e reações, por que, de fato, não tem como dá conta da escola contemporânea



apenas com o curso de geografia nas mãos, com um currículo muito rico em muitas geografias, mas muitas delas desconectadas da realidade dos sujeitos de nossas práticas. Destarte, o que queremos chamar atenção, é para a necessidade de a gente reconhecer o papel e a importância da universidade na formação do/a professor/a, como bem pontuou Mendonça (2013):

“Pode-se dizer que há uma unanimidade nas pesquisas acadêmicas em reconhecer que a Universidade é o espaço formativo da docência, por excelência, que conjuga a complexidade de uma formação acadêmica consistente e a pesquisa como metodologia para essa formação (GARRIDO, 2002; CONTRERAS, 2002; CLAUDINO, 2011, 2012). A essa complexa formação deve ser acrescentado um olhar para a Escola, lugar onde os que se formam em Geografia vão encontrar seu maior campo de trabalho.” (p.120)

Mas não somente esse espaço é de formação, a escola também é esse espaço. Porém, é a universidade o espaço por excelência dessa conexão entre a pesquisa, o ensino e a extensão, é lá o ambiente privilegiado, devido inclusive a suas formalidade perante o Estado, é ela quem certifica profissionais, e o estado e o mercado tendem a contratar funcionários habilitados por essas instituições, o que lhe confere extrema responsabilidade para com a formação desse/a que está a sair todos os anos de dentro de suas salas para as salas de aulas da escola básica que forma a cidadania brasileira.

Ora, não queremos aqui teorizar, mas não faz mal questionar até que ponto uma faculdade de licenciatura em geografia pode conferir, para além do seu mister docente, as competências do que poderíamos definir como sendo um geógrafo licenciado? Possivelmente com uma matriz curricular como as que analisamos possamos formar ali um bacharel numa faculdade de licenciatura. Graças a capacidade de reação de professores/as, as escolas e outras formas de resistências, têm sido espaços por excelência de formação de nossas professoralidades. Quem identificou essa questão dicotômica da formação docente que domina os debates na universidade, foi Saviani (2009):

“Em verdade, quando se afirma que a universidade não tem interesse pelo problema da formação de professores, o que se está querendo dizer é que ela nunca se preocupou com a formação específica, isto é, com o preparo pedagógico-didático dos professores. De fato, o que está em causa aí não é propriamente uma omissão da universidade em relação ao problema da formação dos professores, mas a luta entre dois modelos diferentes de formação. De um lado está o modelo para o qual a formação de professores propriamente dita se esgota na cultura geral e no domínio específico dos conteúdos da área de conhecimento correspondente à disciplina que o professor irá lecionar. Considera-se que a formação pedagógico-didática virá em decorrência do domínio dos conteúdos do conhecimento logicamente organizado, sendo adquirida na própria prática docente ou mediante mecanismos do tipo "treinamento em serviço". Em qualquer hipótese, não cabe à universidade essa ordem de preocupações” (pág. 149).



Diante disso tudo, cabe destacar que a universidade, ao desconsiderar essa dimensão da formação docente e não conciliar os seus dois aspectos constituintes, quais sejam, o didático-pedagógico *versus* os conteúdos específicos da ciência geográfica, como já referimos em Saviani (2009), acaba ela, a universidade, correndo o risco de ceder e se subordinar à interesses alheios a sua própria missão institucional que seria de servir a sociedade como espaço de pesquisa, de ensino e de extensão. É o que pôs em discussão Mendonça (2013), ao analisar dois cursos de graduação em geografia de universidades do estado de Santa Catarina em sua tese de doutoramento. Segundo essa autora,

[...] temos assistido, década após década à Universidade cedendo e atendendo a demanda do mercado, cultivando sua lógica de funcionamento e organização, ritmo de trabalho e competições internas que não combinam com o tempo necessário para a maturação da produção intelectual, com espaços para planejamentos coletivos, discussões e mesmo produção voltadas para atender a uma formação humanista, crítica e aos interesses da maioria da população. Uma cultura que se reproduz e se manifesta nos jovens professores refletindo relações que também perpassam / tangenciam a formação inicial, gerando um modelo que se repete, sem rupturas significativas, espelhando gerações com esse mesmo perfil. A Universidade, assim, renuncia a ser o lugar para exercer e inspirar um comportamento permanentemente crítico, estimulando a rebeldia própria do trabalho intelectual” (p. 28).

Nesse sentido, cabe refletir sobre que professoralidade nossas universidades estão a formar em seus centros de educação, é uma reflexão sobre a própria ação dessa instituição, que deve voltar-se para si mesma, para suas bases, para o que verdadeiramente quer dizer uma licenciatura, sem negar nenhuma saber, nenhum fazer para a partir de então, essa faculdade possa voltar sua profissionalização para realização da docência, constituindo professores/as não somente mediadores do processo de ensino-aprendizagem, mas sujeito também que é dele, ator importante com vez, com voz e com humanidade, é nessa atmosfera que a nossa docência encontra sentido e significado.

Assim, é preciso que a universidade tenha compromisso com esse processo formativo que responda as demandas do nosso tempo, e é no currículo que estará parte importante do posicionamento da faculdade acerca de que profissional ela deseja formar, de que professor/a ela está entregando ao mercado de trabalho: se um/a professor/a de geografia adaptável aos interesses desse mercado ou se um/a professor/a conectado à realidade e compromissada com os/as anseios dos/as sujeitos/as da educação. Um/a professor/a de geografia que ensina o/a aluno/a a pensar criticamente e que promova sua autonomia e sua emancipação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O currículo oculto de uma licenciatura: reflexões sobre a professoralidade no curso de Geografia do campus Mata Norte da UPE

Períodos	Componentes Curriculares	Carga Horária		
		Teórico	Prático	Total
1º Período				
1	Geografia Econômica	50	10	60
2	Introdução à Ciência Geográfica	50	10	60
3	Geologia Geral	50	10	60
4	Língua Portuguesa na Produção do Conhecimento	60	0	60
5	Fundamentos Antropológicos da Educação	60	0	60
		270	30	300
2º Período				
1	Cartografia Básica	50	10	60
2	Educação Inclusiva	30	0	30
3	Fundamentos Psicológicos da Educação	60	0	60
4	Climatologia	50	10	60
5	Estatística Aplicada à Geografia	20	40	60
6	Geografia da População	50	10	60
		260	70	330
3º Período				
1	Cartografia Temática	50	10	60
2	Geomorfologia	50	10	60
3	Geografia Regional do Brasil	50	10	60
4	História do Pensamento Geográfico	50	10	60
5	Metodologia Científica	60	0	60
		260	40	300
4º Período				
1	Geografia da Indústria e do Setor Terciário	50	10	60
2	Introdução à Pedologia e a Edafologia	50	10	60
3	Fundamentos Filosóficos da Educação	60	0	60
4	Fundamentos Sociológicos da Educação	60	0	60
5	Hidrogeografia	50	10	60
		270	30	300
5º Período				
1	Biogeografia	50	10	60
2	Geografia Agrária	50	10	60
3	Geografia Urbana	50	10	60
4	Didática	60	0	60
5	Estágio I	30	60	90
6	Educação e Relações Étnico-Raciais	30	0	30
		270	90	360
6º Período				
1	Geografia e Cultura	50	10	60
2	Geomorfologia Aplicada	50	10	60
3	Eletiva I	20	10	30
4	Sensoriamento Remoto Aplicado à Geografia	50	10	60
5	Geografia Política	50	10	60
6	Estágio II	30	60	90
		250	110	360
7º Período				
1	Teorias e Métodos em Geografia Humana	50	10	60
2	Dinâmica e Funcionamento do Espaço Mundial	50	10	60
3	Seminário de Pesquisa	20	40	60
4	Estágio III	30	90	120
5	Organização da Educação Nacional	60	0	60
6	Teorias e Métodos em Geografia Física	50	10	60
		260	160	420
8º Período				
1	Formação Sócio-territorial do NE e de PE	50	10	60
2	Avaliação da Aprendizagem	60	0	60
3	Estágio IV	30	90	120
4	Eletiva 2	20	10	30
5	Libras	60	0	60
6	Fundamentos da Ecologia e sustentabilidade aplicados à Geografia	50	10	60
		270	120	390

Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Geografia aprovada para o Campus Mata Norte.

Fonte: PARECER CEE/PE Nº 048/2019-CES

ANO	SE MES TRIM	CÓDIGO	NOME DA DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL	CRÉDITOS
2006	1	GH01301N	GEOGRAFIA DO TURISMO	45	3
2006	1	GH01405N	INTRODUÇÃO A CIÊNCIA GEOGRAFICA	60	4
2006	1	GH01404N	MATEMATICA APLICADA A GEOGRAFIA	60	4
2006	1	CH01404N	METODOLOGIA CIENTIFICA	60	4
2006	1	CH01302N	PRATICA I - A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA	45	2
2006	1	GH01403N	SOCIOLOGIA DA EDUCACAO	60	4
2006	2	CN0240XN	ESTATÍSTICA APLICADA À GEOGRAFIA	60	4
2006	2	CH02407N	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	60	4
2006	2	CN0240WN	GEOLOGIA GERAL	60	4
2006	2	GH07306N	GEOMORFOLOGIA COSTEIRA	45	3
2006	2	CE0240TN	PORTUGUÊS INSTRUMENTAL	60	4
2006	2	CH02300N	PRATICA II - PAISAGENS GEOLÓGICAS EXPLORAÇÃO E DIAGNOSE	45	2
2007	1	GH03408N	CARTOGRAFIA BASICA	60	4
2007	1	GH03409N	CLIMATOLOGIA	60	4
2007	1	CN0340XN	INFORMATICA INSTRUMENTAL EM GEOGRAFIA	60	4
2007	1	CH0340BN	PRATICA III - AS DIMENSÔS DO PROFISSIONAL DA GEOGAFIA	60	2
2007	1	CH0340AN	PSICOLOGIA EVOLUTIVA	60	4
2007	1	GH03304N	REGIAO E ANALISE REGIONAL	45	3
2007	2	GH0440AN	CARTOGRAFIA TEMATICA E SISTEMATICA	60	4
2007	2	GH04409N	GEOMORFOLOGIA	60	4
2007	2	GH06304N	GEOMORFOLOGIA ESTRUTURAL	45	3
2007	2	CH0440CN	PLANEJAMENTO E AVALIACAO EDUCACIONAL	60	4
2007	2	CH04300N	PRATICA IV - O ENSINO DA CARTOGRAFIA NOS NÍVEIS FUNDAMENTAL E MÉDIO	45	2
2007	2	CH0440BN	PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM	60	4
2008	1	GH05409N	BIOGEOGRAFIA GERAL	60	4
2008	1	CH05301N	DIDATICA GERAL	45	3
2008	1	CH05303N	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	90	3
2008	1	GH05300N	GEOGRAFIA DO BRASIL - NE	45	3
2008	1	GH05407N	HIDROGEOGRAFIA	60	4
2008	1	CH05302N	PRÁTICA V-EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA	45	2
2008	1	GH05408N	TEORIA DA REGIÃO E REGIONALIZAÇÃO	60	4
2008	2	CN06301N	ECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	45	3
2008	2	CH06301N	ESTAGIO SUPERVISIONADO II	90	3
2008	2	GH06408N	GEOGRAFIA DAS POPULAÇÕES	60	4
2008	2	GH06300N	GEOGRAFIA DO BRASIL - AMAZÔNIA	45	3
2008	2	GH06409N	GEOGRAFIA POLITICA	60	4
2008	2	CH06300N	PRÁTICA VI-O ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	45	2
2008	2	GH0640AN	REGIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL I	60	4
2009	1	CH07301N	ESTAGIO SUPERVISIONADO III	120	4
2009	1	GH07406N	GEOGRAFIA AGRÁRIA	60	4
2009	1	GH07300N	GEOGRAFIA DO BRASIL CENTRO SUL	45	3
2009	1	GH07301N	GEOGRAFIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	45	3
2009	1	CH0740BN	ORGANIZACAO DA EDUCACAO BASICA E GESTAO DEMOCRÁTICA	60	4
2009	1	CH07300N	PRATICA VII- PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA	60	3
2009	1	GH07405N	REGIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL II	60	4
2009	2	CH08406N	ANTROPOLOGIA CULTURAL	60	4
2009	2	CH08300N	ESTAGIO SUPERVISIONADO IV	120	4
2009	2	GH08404N	GEOGRAFIA ECONÔMICA	60	4
2009	2	GH08405N	GEOGRAFIA URBANA	60	4
2009	2	CH08501N	PRÁTICA VIII- PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO APRESENTAÇÃO E ELABORAÇÃO DE RELAT.FINAL DA PESQUISA	75	3
2009	2		EXTENSÃO - AACC	9	
2009	2		EXTENSÃO - AACC	31	
2009	2		EXTENSÃO - AACC	90	
2009	2		EXTENSÃO - AACC	130	

Parte de histórico escolar da graduação em licenciatura em Geografia, Faculdade de Formação de professores de Nazaré da Mata-UPE. Foto de arquivo Pessoal

No primeiro período temos duas cadeiras diretamente ligadas a didática, a saber, Prática I, que versava sobre a função social da escola, com 45 créditos e a outra sociologia da educação, com 60 créditos de carga-horária. Atualmente, a matriz traz para o mesmo período apenas 60 horas de aulas para fundamentos antropológicos da educação.



No segundo período, a matriz atual contempla dois componentes de 60 horas-aulas relacionados a educação: Educação inclusiva e fundamentos psicológicos da educação. No currículo de 2006, nesse mesmo estágio, discutíamos apenas Filosofia da educação.

No terceiro período, ambos os documentos não apontam as relações de seus componentes com a formação do ofício de professor/a, a não ser duas que se pode fazer com as matérias do currículo de 2007 intituladas *Psicologia Evolutiva e Prática III – as dimensões do profissional de geografia*, sugerindo que o egresso daquela licenciatura pudesse exercer outra atividade que não fosse ligada a escola. De todo modo, nessa cadeira caberia uma discussão mais aprofundada sobre uma dessas dimensões que é a do/a professor/a de geografia.

Já no quarto período, o currículo trazia maior prestígio a geografia escolar, com duas temáticas de 60 horas e outra de 45h relacionadas ao ensino, enquanto na nova matriz, temos 120h totais dedicadas ao campo didático-pedagógico da formação.

No quinto período as coisas melhoram, no sentido de se conectar com a realidade e com o perfil do curso. Ali há maior dedicação à didática, às práticas por meio do estágio supervisionado e ao estudo de metodologias para o ensino de geografia. Devemos ressaltar que, uma novidade parece ser vista, apesar de ainda pouco, na direção de uma geografia escolar antirracista, comprometida com essa causa e arquiteta dessa dimensão da cidadania. Foi o mesmo que constataram Arantes e Alves (2016) ao articularem sobre a formação de professores e as relações étnico-raciais nas licenciaturas daquele campus da UPE. Vejamos:

“No curso de Geografia temos a oferta da eletiva História da África (...) de 30h|a cuja ementa diz: Povos e culturas do continente africano; Meroé, o Gana e o Mali; O Reino do Congo; Os iorubá; O tráfico de escravos. São objetivos desta disciplina: Fornecer ao aluno uma visão introdutória da História da África; Enfatizar a diversidade cultural, analisando os principais estados e impérios ao longo do tempo, assim como a cultura dos povos envolvidos no tráfico atlântico de escravos na Idade Moderna; Suscitar uma crítica à visão eurocêntrica da História” (pág.09).

A esse respeito, aquelas autoras constataram que, até 2015, ainda não tinham sido atendidas, nas licenciaturas do campus Mata Norte da UPE, as ações de fomento a pesquisas, desenvolvimento e inovações tecnológicas no trato das questões étnico-racial. Para elas, tais ações poderiam estar colaborando para a construção de uma escola democrática e mais, a UPE Mata Norte não se comprometeu com uma educação antirracista, já que esse tema aparece “(...) como um desafio para uma formação de professores, com objetivo de alcançar uma educação afirmativa para a diversidade, que aborde as possibilidades de enfrentamento a preconceitos e discriminações ainda presentes na Universidade e na sociedade de forma geral” (pág. 11).



No sexto período, temos um retrocesso. O currículo novo traz apenas um componente diretamente relacionado ao ensino, que é o segundo estágio supervisionado, enquanto no currículo de 2008 havia mais dedicação ao ensino.

O sétimo período do currículo mais recente dedica mais tempo às questões didáticas da geografia escolar, com destaque *para Organização da educação básica e Estágio III*.

Por fim, o último período da matriz curricular mais nova dedica três tempos a parte pedagógica do currículo, sendo interessante destacar a oferta do componente da língua brasileira de sinais, um progresso em relação ao meu currículo, que ainda não estava preocupado com essa dimensão da educação inclusiva, o que aparece pela segunda vez nessa matriz mais atualizada.

Campus Nazaré da Mata:

1. Avaliação e Monitoramento Ambiental
2. Cartografia Escolar
3. Geografia da Saúde
4. Energia, Meio Ambiente e Sociedade
5. Fundamentos de Astronomia e Astrofísica
6. Fundamentos de Geoeconomia Geral e do Brasil
7. Geomorfologia Costeira
8. Geografia do Turismo
9. Oceanografia
10. Territorial e Econômica do Brasil
11. Rede e Hierarquia Urbana
12. Patrimônio Cultural e Inovação Sócio Territorial.

Fonte: PARECER CEE/PE Nº 048/2019-CE

Dentre as eletivas ofertadas pela Licenciatura em Geografia do campus Mata Norte da UPE, é possível observar a persistência de matérias puramente academicista e bacharelesca, de natureza conteudista, com uma única disciplina voltado para o ensino da cartografia escolar e pouco diálogo com os contextos dos sujeitos professores em formação.

Daí, depreendemos algumas considerações. Em primeiro lugar, a questão de que ambas as *grades curriculares* apresentam um déficit muito grande de dedicação à docência como enunciava o perfil do curso que destacamos anteriormente. Em segundo, a importância dada a educação inclusiva no novo currículo, algo que antes, não muito distante, estava totalmente omitido, sobre o que o professor Saviani (2009) já nos alertava, dada a complexidade da Educação Especial, evidenciada nas diretrizes curriculares nacionais, é crucial criar um espaço específico para a formação de professores nessa área. Sem isso, a Educação Especial continuará desamparada, tornando inúteis as repetidas declarações sobre as virtudes da educação inclusiva presentes nos documentos oficiais e na literatura educacional atual (p.153).

Outrossim, carece explicitar que aquela faculdade de educação, especialmente no que tange a licenciatura em geografia, parece se distanciar do ensino, tendo um currículo um tanto marcado pelo bacharelismo, característica essa fortemente presente nas licenciaturas, em que a cultura academicista e bacharelesca tenta se sobrepor nos currículos e até perpassar os muros da graduação e chegar nas escolas com práticas que refletem uma imposição de saberes sem considerar os demais e as realidades dos sujeitos de nossa ação docente. É o que reforça Saviani (2009, p.150) de que o problema na formação de professores/as não será resolvido sem a



participação das faculdades de educação. No entanto, não basta apenas a atuação delas, nem a simples adição de um currículo pedagógico-didático aos cursos de bacharelado.

Obviamente, não devemos negar os saberes e fazeres acadêmicos que performatizam e profissionalizam o nosso magistério, além disso, a solução dos problemas da formação docente passam para além dessa questão, porém sem resolver ela, não poderemos prosseguir em direção a uma formação que persiga a si mesma cotidianamente, isto é, sem derrubarmos essa cortina que separa a nossa formação do seu aspecto mais intrínseco, que é a sua dimensão didático-pedagógica, e sem a devida reflexão sobre a nossa práxis, sem isso não conseguiremos transpor os obstáculos mais urgentes da formação docente e escrever nossa professoralidade que, como bem nos lembraram Isaia e Bolzan (2009), somada a formação acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto específico da formação de professores/as de geografia, é crucial considerar aspectos técnicos, tanto do ponto de vista do/a professor/a como planejador/a quanto como pesquisador/a. É importante ressaltar que a formação docente ocorre ao longo de vários momentos, em diversos ambientes e por meio de diferentes experiências. Diante desse panorama, o/a professor/a de geografia enfrenta o desafio constante de permanecer atento ao seu processo formativo, especialmente diante das exigências dos novos tempos. Com temas emergindo a todo momento, o educador de geografia é instigado a abraçar o caminho da pesquisa como parte integrante de sua prática profissional, ideia compartilhada por Rosa (2006) e por Mendonça (2013). Essa abordagem é essencial para evitar cair no anacronismo ou no conservadorismo associado à geografia tradicional. Assim, a pesquisa torna-se uma ferramenta vital para acompanhar as demandas em constante evolução, permitindo que o/a professor/a de geografia se mantenha relevante e alinhado às transformações do mundo de hoje.

Por fim, cabe lembrar a proposição de Mendonça (2013) para quem, embora não exista um sistema educacional nacionalmente articulado, os diferentes níveis de ensino relacionados à formação devem, por imperativos éticos e profissionais, estabelecer uma articulação efetiva entre si. Isso inclui a colaboração entre professores/as formadores/as e professores/as na outra ponta, na escola, desempenhando um papel crucial no acompanhamento dos/as futuros/as professores/as no desfecho de suas formações. Tanto as universidades quanto as escolas devem dedicar atenção contínua à reflexão sobre a profissão, tanto no âmbito da formação inicial quanto na formação continuada. Essa abordagem colaborativa é fundamental para promover



uma integração eficaz entre teoria e prática, assegurando uma educação sólida e comprometida com a constituição de uma professoralidade ousada, autônoma e bem resolvida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Patrícia Formiga Maciel. & ARANTES, Adlene Silva. **Formação de Professores: Em Busca das Relações Étnico-Raciais nas Licenciaturas da UPE-Mata Norte**. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em:

<<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/21083>>. Acesso em: 09/12/2023.

Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. **RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA CAMPI: GARANHUNS, MATA NORTE E PETROLINA**. PARECER CEE/PE Nº 021/2018-CES, Recife 2018. Disponível em:

<https://www.upe.br/anexos/prograd/pareceres/PARECER_CEE-PE_N_0212018-CES.pdf>. Acesso em 09/12/23.

_____. **Alteração da matriz curricular do curso de Licenciatura em Geografia *campi* Garanhuns, Nazaré da Mata e Petrolina**.

Parecer CEE/PE Nº 048/2019-CES. Recife, 2019. Disponível em:

<<https://www.cee.pe.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/PARECER-CEE.PE-N%C2%BA-048.2019-CES-1.pdf>>. Acesso em: 09/12/23

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, Doris Pires Vargas. **Construção da profissão docente/professoralidade em debate: desafios para a educação superior**. In: Cunha, Maria Isabel da. (Org.). Reflexões e Práticas em Pedagogia Universitária. 1ed. Campinas: Papyrus, 2007, v. 1, p. 161-177

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar: gigantes de pés de barro comendo pastel de vento num fast food**. Terra Livre, Presidente Prudente, v. 1 n° 28, p. 28-44, Jan-Jun. 2007.

MENDONÇA, Sandra. **A Geografia e a Formação de seus professores: o processo formativo dos professores para a formação básica**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina – CFCH, Florianópolis, 2013. 300p.

ROSA, Dalva E. G. **Formação de Professores: concepções e práticas**. In: ROSA, Dalva E.G et al. (Org). Formação de Professores: concepções e práticas em geografia. Goiânia: ED. Vieira, 2006, p.15-25.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de Professores: Aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação, v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. **Projeto Político Pedagógico do Curso de licenciatura em Geografia**. Nazaré da Mata, 2015.]